Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

MARCO LUCCHESI: PEDRA RISCADA OU DAS PROVÁVEIS INSUFICIÊNCIAS ENSAÍSTICAS

MARCO LUCCHESI: SCRATCHED STONE OR PROBABLE ESSAY INSUFFICIENCIES

MARCO LUCCHESI: PIEDRA RASGADA O PROBABLES INSUFICIENCIAS ENSAYATIVAS

Ana Maria Haddad Baptista [1]
Universidade Nove de Julho de São Paulo/Sp, Brasil

Uma travessia pelos ensaios de Marco Lucchesi é enfrentarmos de corpo e alma abismos, muitas vezes, incontornáveis. O famoso e tão expressivo fio de Ariadne escapa, a todo momento, de nosso olhar. Somem. Multiplicam-se os labirintos-oscilantes-estonteantes que caracterizam a escritura de Marco Lucchesi. Cremos, logo de saída, ser muito arriscado adentrar em sua mais recente publicação pela editora Edições Esgotadas de Lisboa. Referimo-nos à **Pedra Riscada: ensaios improváveis**. Portanto, faremos um breve passeio, não somente pelos "bosques da ficção" por lembrar de nosso saudoso Umberto Eco, mas, inclusive, pelas tramas ardilosas ensaísticas de um dos maiores escritores contemporâneos numa escala, sem meias palavras, mundial.

Marco Lucchesi: A razão é a marca que nos distancia sempre mais dos mistérios e dos brutos, aproximando-nos, tanto quanto possível, do intelecto angélico e do intelecto divino [2].

Marco Lucchesi: Que estas paisagens derivadas — livros, pedras, mapas, fractais, gentes, cidades — acabem desenhando, em sua diversidade, o rosto inquieto de seu autor, aberto ao mundo, cheio de esperança e perplexidade [3].

---

[1] Ana Maria Haddad Baptista é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Pós-doutoramento em História da Ciência. Pesquisadora e professora da Universidade Nove de Julho de São Paulo. https://orcid.org/0000-0003-3468-0158

[2] Breve Introdução ao Inferno de Dante: Poesia e Teologia. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1986. P. 59.

HADDAD BAPTISTA, Ana Maria. MARCO LUCCHESI: PEDRA RISCADA OU DAS PROVÁVEIS INSUFICIÊNCIAS ENSAÍSTICAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-20 setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Marco Lucchesi: O ensaio é um laboratório que ensaia, justamente, e assume todos os riscos, sem medo de enveredar por um caminho cego (...) Considero o ensaio como um sonho de olhos abertos, entre rigor e aventura, como quem sonda e perscruta, no verso e no anverso, um tapete persa, e não se dá por satisfeito com o ponto final, porque saber que não cessam os motores de busca. No ensaio pode-se tudo, ou quase tudo, desde que se constitua uma linha discursiva, ao mesmo tempo reta e sinuosa, que se oriente na direção de um não saber, no coração do entusiasmo e do princípio da incerteza [4].

Ensaios improváveis? O autor não poderia ser mais feliz na complementação do título da obra. Vindo justamente dele não. Porque numa entrevista, entre as dezenas que temos registradas, já nos dá, com firmeza e lucidez, um conceito, quase insubstituível, do que seja um ensaio. E, sobretudo, nos faz enxergar a pluralidade de caminhos que podemos tomar em se tratando de ensaio. O risco sempre à espreita.

Pedra Riscada, como todos os livros do autor, em particular a vasta pluralidade de obras de ensaios, possuem uma arquitetura, (geometricamente distintas), que de certa forma, reforça o caráter estilístico do autor. Original. Único em sua própria natureza. Inconfundível. E assim sendo ele divide o livro em: ***Todas as Línguas, Odi et Amo, Cosmografias, Solaris, Antropoceno, Envio, Colóquio e Notas.***

Na primeira parte, ***Todas as Línguas*** o ensaio *língua nhe' enga katú* de quando o poeta foi atravessado pelo "infinito amazônico" em que declara: "Toda a palavra emerge do silêncio. E no silêncio deixa-se perder. A gênese e o destino se confundem. O não-verbal é o auge da eloquência. Diz tanto na medida em que parece não dizer. Assim vou nessa espessura que me envolve, em tanta selva, ao perto e ao longe, sem instrumentos para traduzi-la [5]". Ligam-se ao primeiro ensaio da primeira parte um outro, *Cosme Velho,343,* sobre Portinari em que o não-verbal, no caso, a pintura, é recolocada por Lucchesi. Mas nada é uma simples colocação sem destino pelo escritor. Cada texto se liga a outras obras que se ligam a outras e

[3] O sorriso do caos. Rio de Janeiro: Record, 1997. P. 10.

[4] Marco Lucchesi: poeta do diálogo. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022. P.134.

[5] Pedra Riscada: ensaios improváveis**.** Porto-Lisboa,2024. P. 24.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

assim vão formando um vasto circuito nada simples. Na verdade: um curto-circuito em que o lê. Lembremos que a erudição e Babel fazem parte da trajetória do autor desde muito cedo: “Ainda me lembro como se fosse hoje. Manhã de princípio de ano escolar, março ou abril de 1978, Colégio Salesiano. Entrei na turma de 8ª. série com a maleta na mão, o jaleco azul, trauteando ‘O sole mio’. Trauteando, que só sabia um ou dois versos. Lá do fundo da sala, na primeira fileira, uma voz adolescente continuou cantando. Parei surpreso, achei o aluno e pedi que ele cantasse toda a canção italiana. Tímido, esquivando-se, o fez (...) Agora, no último ano da Faculdade, me traz, pedindo um prefácio, o seu primeiro livro, um estudo sobre a Divina Comédia, de Dante. Posso dizer, em testemunho seguro, que a formação humanística e o acervo da erudição de Marco Americo Lucchesi estão muito além de sua idade, 21 anos. E o livro foi escrito aos 19. Filho de pais italianos, fala fluentemente o italiano desde a infância, assim como o português, porque é carioca, mas criado em Niterói. Domina o espanhol, o francês, o inglês, o latim, o alemão e o russo” [6].

Do ensaio sobre Portinari, na mesma parte do livro, temos em questão, nada mais, nada menos, do que *Ion Barbu*. Na verdade, um velho conhecido de Marco Lucchesi. Não somente porque o nosso poeta domina, fluentemente, o romeno, mas também estabelece, por diversos caminhos um diálogo entre a poesia e a matemática que desconhece fronteiras tangenciais. Quando Lucchesi entra no reino da matemática, que, aliás, tanto ama, não é para brincar. A fundamentação usada pelo escritor ao desvendar Barbu já nos coloca em evidência o quanto os conceitos matemáticos lhe soam, digamos, familiares, como por exemplo: “A poesia de Ion Barbu é uma galáxia aberta para o Mais. Um cosmos onde gravitam forças de interação e objetos astronômicos: bem entendido, objetos da língua no céu imaterial da poesia. Planetas errantes, e muitos sóis, meteoritos velozes, na matéria escura de sentido, aglomerados onde brilham satélites com significantes fatais. Assim, esse magnífico inventor de língua inventou fundou um universo paralelo, lançando mão do romeno antigo e literário, sem abandonar a gravitação do presente. Barbu propõe deslocamentos

[6] José Inaldo Lima. Breve Introdução ao Inferno de Dante: Poesia e Teologia. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural, 1986. P. 7.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

gramaticais, elide formas da declinação, renova substantivos da religiosidade ortodoxa, os elementos míticos da tradição aldeã, sem dispensar a geometria" [7] .

Marco Lucchesi: Agradam-me as memórias híbridas de Ubiratan D'Ambrosio. Não havendo narrador onisciente ou, no caso de memórias, editor/ revisor, inclinado à ficção da matéria rediviva, despontam formas de entrar e sair. (...) Emociona a evocação do saudoso Solomon Marcus, nosso amigo comum, professor que transitou vida afora entre a poesia e a matemática, discípulo, como foi, do poeta e matemático Ion Barbu. Não são dois mundos, o das ciências exatas (depois de Gödel temos de mudar o tom) e o das ciências humanas. Nada além do mundo cultural, desde um generoso senso de unidade. Esse é o espírito de Ubiratan"[8].

O diálogo entre a matemática e a poesia são temas muito caros a Marco Lucchesi. Uma "poética da matemática". Haja vista que entre outras coisas que poderiam ser citadas, mais diretamente ligadas à matemática, temos um livro do autor que se chama **Hinos Matemáticos**. Isso sem contar que em seus diários filosóficos existem partes dedicadas a reflexões dos conceitos matemáticos, assim como suas relações com a poesia, de diversos autores, e outras áreas. Em seguida temos o ensaio *Allama Iqbāl*.

O ensaio em referência possui uma estrutura diferente em relação às anteriores. Reforçamos aqui o que dissemos anteriormente: cada livro de ensaios, no caso de Marco Lucchesi, possui uma arquitetura própria e cada ensaio segue intrinsecamente, livre e leve. A criatividade do autor sempre numa crescente. Neste texto o autor faz uma reflexão a respeito de Allama Iqbāl. Contextualiza-o no tempo e no espaço à medida que atravessa fundo o legado do pensador paquistanês. Uma verdadeira síntese em que convoca, (para quase desespero de seus leitores), poetas, filósofos e pesquisadores que solicitam referências quase impensáveis, visto que, sejamos francos e sinceros, as fontes de Marco Lucchesi e as ligações que consegue fazer são extremamente sofisticadas, plurais, em todos os aspectos.

No entanto, fica claro uma coisa: a incrível sensibilidade e erudição necessárias, como por exemplo, no seguinte fragmento: "Iqbāl mergulha nas

---

[7] Pedra Riscada, p. 35.

[8] Pedra Riscada, p. 89.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

línguas de sua cultura. E quando escreve em persa, filia-se a uma tradição, que lhe pertence (...) A rosa e o jardim, a flauta e o rouxinol reaparecem, muito embora, deslocada em Iqbāl. Centro que aos poucos se descentra, em busca de uma *precária síntese,* sem perder a moldura da tradição:

Ninguém é persa, tártaro e afegão,
Somos um só jardim, ramo e botão.
É grave distinguir perfume e cor,
se a primavera é nossa floração.

*

Ao poeta da luz a dúvida dissipa:
revela teu segredo, ó fogo de tulipa!
Dentro da vida chama jamais te consomes,
e em noite de amargor nenhuma luz suscitas" [9].

No ensaio *Astúcias da Razão, Hipóteses do Acaso* Marco Lucchesi indica, de forma mais concreta, o quanto a natureza, por si mesma, lhe é um tema muito caro. Mas não somente. "Durante a pandemia, como um Cândido dos trópicos, decidi cultivar o meu jardim (...) Da cultura do livro à cultura da terra, não há distâncias de altitudes. O étimo garante a transição (...) De um lado, o tempo vegetal; de outro, o tempo dos homens, o círculo e a reta. Que mais sabem dizer, de nossa quadra, as plantas? [10] ". Neste ensaio a partir do conceito de um "tempo vegetal", diga-se de passagem, um conceito-filosófico-poético-imagético extraordinário, Marco Lucchesi nos leva para o âmago de seus questionamentos, ou seja, nos leva a pensar numa historiografia, cabível e necessária na era contemporânea. Lembremos que o escritor é, de fato, um historiador. Lembremos de que ele não é um simples bacharel em história. Existe aqui, faço questão de ressaltar, uma grande diferença entre um aspirante a historiador e um de verdade. Isto é, aquele que dialoga com linhas historiográficas vigentes e propõe outras que nos levam a novos olhares. No caso de Lucchesi, sobretudo, seus romances **O Dom do Crime***,* **O Bibliotecário do Imperador** e **Adeus, Pirandello** reforçam,

[9] Idem, p. 47.
[10] Idem, p. 50.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

definitivamente, a contribuição inovadora historiográfica do escritor. Que abre as comportas das visibilidades outrora invisíveis e traça encontros secretos com aqueles que tanto lutaram por isso. Verdade seja dita!

Marco Lucchesi: As árvores ocupam uma paisagem singular no universo mágico da cabala e da alquimia, como símbolos geradores de outros símbolos, mananciais luminosos de mistérios e epifanias, oráculos e adivinhações. Não passam de espelhos que refletem, de modo oblíquo e remissivo, uma super-realidade, com que parcialmente entrelaçam, para prontamente libertarem-se, deitando suas raízes na terra para ganhar altitude, sob os raios noturnos, lunares. Raios que transformam a semente em árvore, em potência, e as pedras, imaturas, que a Terra-mãe segue generosamente alimentando seu útero, sob o influxo do planeta úmido, que é a Lua, e do planeta seco, que é o Sol, e todas as estrelas, em número de sete, a infundir vida ao mundo sublunar, pois que tudo ressente o logos spermatikos deste Universo (...) [11].

"Nasceu assim, da brincadeira [citação apontada parcialmente neste ensaio acerca do professor de Marco Lucchesi quando cantou *O sole mio* em italiano] de um professor de História, que disfarçava cantando o cansaço de quinze aulas da véspera, uma amizade e admiração profunda por aquele aluno que – guardo remorso – desencaminhei involuntariamente para os meandros nada gratificantes da História. Tentei alertá-lo, mas, obstinado, enveredou" [12]. Neste ensaio Marco Lucchesi confessa o fascínio exercido pela história em sua trajetória: "A História traduzia a humana dimensão. A única possível. O demais era o imenso, informe, indiferente transcurso temporal" [13]. Nessa medida, num diálogo quase perfeito, o escritor cruza e intersecciona diversas tendências ideológicas, filosóficas e outras para então nos fazer refletir juntamente com ele sobre Marx, Nietzche e tantos outros. No entanto, ganha mais força ainda quando coloca em evidência as posições de Hegel. "Hegel instaura um aparato lógico e ontológico, onde se move o espírito do mundo (*Weltgeist),* na sucessão das causas eficientes. Quando deixei as pedras pelos homens – as flores e as estrelas, pela História; a lógica formal

---

[11] Teatro alquímico: diário de leituras. Rio de Janeiro: Artium Editora, 1999. P. 105.

[12] Obra citada, Breve Introdução ao Inferno de Dante: Poesia e Teologia, p.7.
[13] Pedra Riscada, p. 50.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

pela dialética –, Hegel assumiu proporções desmedidas, entre Schelling e Hölderlin, que eu traduzia àquela altura. Compreendi somente assim a obra de Marx" [14]. Nessa parte, de certa forma, o escritor nos chama a atenção para que pensemos seriamente, na relativa atualidade e grande importância do legado de Hegel, (em grande parte, tal qual Slavoj Zizek), diante dos desafios que a contemporaneidade nos lança. Fala-nos da importância da filosofia, não somente para ele mesmo, para se recolocar questões fundamentais que nos levem a enfrentar certos desafios impostos nos recortes de uma filosofia da história. Uma profunda indagação nos atravessa: "Fim da História, dos homens, ou das plantas? Não tenho cápsulas do tempo. A dialética trabalha sábado e domingo. Só tenho meu jardim, não sei de outro planeta. Depois de Nietzsche, e além das plantas, procuro definir hipóteses do Acaso. Já não espero a coruja de Minerva. Cultivo a História, sem perder a vida" [15].Logo em seguida, na sequência de **Pedra Riscada**, temos a parte que se intitula ***Odi et Amo***. Parece-nos, nesta parte, que o autor pega em nossas mãos e nos convida para um passeio que deverá atravessar diversas obras. E assim, juntamente com ele, vamos visitar Adonis, poeta árabe, de extrema importância e com quem Marco Lucchesi teve um encontro presencial e bastante significativo. Em *Sonatina para Adonis* temos um ensaio simplesmente extraordinário e que, uma vez mais, podemos constatar a familiaridade do escritor em relação à escritura do poeta árabe. Inclusive, com conceitos musicais com os quais dialoga com familiaridade. Propriedade. A música é inseparável de Lucchesi. Em seguida, fala do clássico *Moby Dick*. E quando nos parece que tal obra já foi devidamente comentada por tantos outros críticos literários, Marco Lucchesi não concede. "A literatura é um repertório infinito, rede lançada em pleno oceano para buscar uma ostra, ou quem sabe uma estrela que dorme, afogada. Até mesmo uma baleia, simbólica e abissal" [16]. Nessa mesma parte do livro em questão nos leva para uma reflexão sobre *Sêneca e Montaigne* e abre um belíssimo espaço para que possamos refletir acerca da atualidade que nos cerca. Ou seja, da importância da amizade de ambos. Exemplos de solidariedade e como verdadeiros

[14] Idem, p. 55.

[15] Idem, p. 59.
[16] Idem, p. 66.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

exemplares para se repensar “as convulsões da ordem mundial” [17]. Marco Lucchesi nos convida ao ensaio *Dez Novelas, um Poeta*, ou seja, para Decamerão de Boccacio. Para o nosso escritor nada passa despercebido. Temos neste ensaio conceitos muito caros e que deveriam ser estudados, cuidadosamente, pelos críticos literários, em especial, por aqueles pretensos críticos. Por quê? Porque temos aqui uma verdadeira lição do que seja uma novela, e entre outros conceitos importantes, destaco: “A força da poesia descerra novas formas de apropriação e intensidade quanto à matéria narrada” [18]. Uma advertência muito oportuna para quem, (e são muitos), não consegue enxergar que uma prosa literária, somente pode ser concebida como tal, se houver poeticidade. (A cegueira conceitual nunca foi tão evidente). Graus de poeticidade para que, de fato, possa ser concebida como literária.

Marco Lucchesi: Ideias-nuvens, que antecipam a aurora de um tempo novo, onde mal acabamos de amanhecer. Participamos de uma história sem fim. De um livro interminado. De um esboço perene. Cada horizonte promete outro [19].

Em seguida vamos para uma bela abordagem para o ensaio *Palavras (Destinos) Cruzados* numa leitura de *Mandíbula de Caim*. E mais uma vez: “A que horas, cúmplice-leitor, marcamos nosso encontro?”[20]. Mas como deixar de lado o ensaio *Piedade Cósmica* que se interliga a na mesma parte? A começar pela imagem fascinante a que nos remete. *Piedade Cósmica*? Uma incrível imagem, título do ensaio, onde Marco Lucchesi nos diz muito.

Sem perceber, muito provavelmente, ele mesmo está no contexto ao qual se refere: “A biografia de um poeta está dentro da obra. No espaço entre os versos, na potência da palavra, na pele do silêncio. O poeta respira na soma dos versos. Escreve com a mesma destreza em português e na sua língua natal. Assim, ao adentrar *O portão*, eu me deparo com certas fotos de Tomasz Łychowski, na língua

---

[17] Idem, p. 69.

[18] Pedra Riscada, p. 70.

[19] A memória de Ulisses. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. P. 103.

[20] Pedra Riscada, p. 73.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

de Camões. Ou de Mickiewicz, de que descendem *Miłosz, Herberet,* Różewicz.” [21]. E finaliza esta parte do livro levando, nós leitores, a *Paulo Ronai: Latim.* Nessa medida, recorda com muito carinho, o diálogo epistolar que manteve com ele.

Marco Lucchesi: Sou habitado pelas casas que me habitam. Uti possedetis ita possideatis. Preciso de meus fantasmas. Dependo de minhas leituras. Sigo por toda a parte. Leio as leituras que me leem. Mergulho no abismo. Encontro o espelho. De modo que não sei onde começo e tampouco onde termino.
Pedra ou palavra?
Como as respostas são falhas e peregrinas e tudo o mais repousa no impreciso das coisas voláteis e dos sonhos, da força dos ácidos e dos léxicos, minhas certezas, igualmente falhas e peregrinas não se abalam [22].

Cosmografias uma outra parte de **Pedra Riscada.** O primeiro ensaio: *Fractais.* Tema muito caro a Marco Lucchesi. Entre muitos motivos o seu envolvimento profundo com a poesia, a matemática e seu diálogo com Mandelbrot. E a partir de uma imagem do grupo Fractare explora, por diversas vertentes conceituais, recupera, uma vez mais, a importância deles para sua trajetória. Entram em ação, neste ensaio, suas memórias de adolescente.

Observamos que a erudição sempre esteve presente em sua vida. Mas o que chama a atenção é a naturalidade com que Lucchesi vai recolocando e sobrepondo suas diversas faces. Dos fractais somos levados, generosamente, a *Nobel da Física*. Lucchesi nos fala de Parisi e os sistemas complexos enfatizando que o interesse dele é filosófico. “Conhecemo-nos em Roma, quando presidia a Accademia dei Lincei. Sua modéstia é quase proverbial. Sabe quem é, mas não faz pesar a ninguém. Se de um lado vive ensimesmado, por outro, abre-se ao

---

[21] Idem, p. 74.
[22] Obra citada. Teatro Alquímico, p. 14.

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

diálogo. Uma atenção flutuante, às vezes fugidia, como se, estando, não estivesse" [23].

Deste ensaio nos conduz, temos que perceber o quanto Lucchesi puxa o fio que une de um ensaio a outro, *Memórias de Ubiratan*, onde retoma a importância do matemático em sua trajetória pessoal e profissional, em especial, muito unidos para uma cultura da paz. Um tema muito caro a ambos. *Deus em Negativo* é o outro ensaio em que Lucchesi ressalta a importância de Geraldo Holanda Cavalcanti em relação às questões teológicas e em seguida faz uma ponte com o ensaio *Notas (Imaginárias) do Dr. Bacamarte.*

Marco Lucchesi: A paz não virá de uma resposta armada. A paz resultará, apenas e tão somente, quando a fome e a miséria forem consideradas de modo frontal (...) Ninguém se iluda: a cultura é o derradeiro baluarte da democracia [24].

E aqui uma evocação sensacional: "Folheio o caderno de anotações de O Alienista, de Machado de Assis. De tal conjunto inexistente, transcrevo as partes que me conquistaram. Cito de memória: O ser tem inumeráveis escadas. Sempre mais altas e vertiginosas" [25]. Neste ensaio Lucchesi, uma vez mais, coloca em dúvida não somente o "real" e o ficcional. Mas também, e isso é um procedimento que se repete, pode-se dizer em seu conjunto de obras, põe em dúvida os mecanismos da memória. A recuperação da memória. As nossas reminiscências. E partimos, de mãos dadas com o poeta, para encontrar *A República de Nélida*. "Ela me acusa docemente, a cada encontro, como num leitmotiv, o fato de eu andar despenteado"[26].

---

[23] Pedra Riscada, p. 87.

[24] Cultura da paz. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020. P. 183.

[25] Idem, p.93.

[26] Idem, p. 97.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Partimos nesta travessia, sempre, vale lembrar, arriscada e improvável, e nos deparamos com mais uma parte do livro. Ou seja, *Solaris*. No primeiro ensaio desta parte

nos aguarda uma síntese de tirar o fôlego quando o poeta fala da língua portuguesa. O ensaio se intitula *Elogio da Língua Portuguesa*. “A língua portuguesa me precede e me constitui. Ela me diz antes de adivinhá-la. Mundo zero onde se afinam meus primórdios. Imagem sem espelho e lago sem Narciso”[27].

E a partir de muitas imagens recupera e menciona dezenas de escritores brasileiros e extrai o que considera a essência de cada um, assim como as contribuições de cada para sua formação e da literatura brasileira. Logo em seguida vamos para um ensaio denominado *Um jovem diletante no Egito*. Ouçamos Marco Lucchesi: “O Egito arrebatou-me desde a infância. Caminho natural, domínio e sortilégio. Grau zero nos manuais de História, a enciclopédia *Conhecer* e seus desenhos, a paisagem nilótica dos postais, cujos templos, naufragado na areia, revelam tesouros, aos olhos noturnos da esfinge. Os olhos que deitaram tanta tinta”[28]. Um ensaio de altíssima expressão em relação a ele mesmo com o mundo e, sobretudo, com a memória.

Marco Lucchesi: O mundo como espanto e admiração é a nossa primeira experiência com o ambiente que nos cerca. A voz da mãe, tão viva e irrefutável na memória, ilumina paredes secretas do labirinto de que somos feitos. Uma fina membrana no separa da Vida. Agrega e separa, como num sonho fugaz. A infância profunda é um naufrágio delicado. O barco segue oculto no seio do mar primordial. Boiam alguns fragmentos, ideias rarefeitas, sentimentos em estado selvagem, antes da organização das palavras, da forma de entender o mar e de saber como somos. É certo que a infância não passa nunca, desafiadora, como um velho álbum, que, de quando em quando, é preciso rever, os rostos fugidios nas fotos, cujos nomes ignoramos, sem saber se estão vivos. Boa parte deixou de ser. A infância é um álbum povoado de fantasmas, para os adultos, cujas fotos manuseiam, emocionados ou indiferentes. Mas a infância do poeta não passa. A poesia é o estado permanente daquele menino impossível, cercado de brinquedos ou versos cheios de mistério e luz. O brincar como ensaio de que estávamos construindo para nós [29].

---

[27] Pedra Riscada, p. 101.

[28] Idem, p. 111.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Neste ensaio existe uma descontinuidade de temporalidade importante. Descontinuidade no sentido de uma ruptura entre passado e presente porque renasce o menino, mas como se tivesse, literalmente, sendo transportado para seu período de "menino". Um deslocamento raro. Na esteira de Deleuze, na cosmologia de Peirce, Bachelard, Bergson, – entre outros – pode-se afirmar, sabe-se, que o presente seria a totalidade daquele momento em que um menino é reencontrado. Passado e futuro deixam de existir e indicariam somente uma espécie de diferença relativa entre dois presentes. O instante matemático, neste caso, cai no vazio do puro instante matemático. Temos então cristais de tempo, um pouco de tempo em sua pureza. Em outras palavras: as raríssimas cintilações que somente os signos artísticos, como é este caso, podem nos proporcionar. Signos desprovidos de materialidade. Signos sensíveis. Ou "espirituais", por lembramos, inclusive, de Beckett e Deleuze. "No diário de menino, 1975 A.D., a prova insofismável dessa devoção [pelo Egito]. Pensei num alfabeto que guardasse os meus segredos. Um código privado contra o mundo. Um corredor secreto na pirâmide. A de Queóps, bem entendido"[30]. O escritor seduzido, de forma irreversível, pelo funcionamento do mundo, digamos assim. "Com o passar do tempo, dei-me às obras sérias: o estudo semântico do copta, a partir de Kircher. E de Champollion, que se tornou, àquela altura, meu herói. Impressionava-me o santo cinocéfalo que vi, muito tempo depois no museu do Cairo"[31].

Neste mesmo ensaio oferece muitas imagens cuidadosamente recortadas. "Encontro, em dezembro de 2023, meu caderno de hieróglifos, que julgava perdido. Prova de uma antiga, obstinada, embora imperfeita, dedicação"[32].

Além disso, a sua insaciável vontade e curiosidade de conhecer outras línguas. Os mistérios e a complexidade que cada língua guarda em si mesma. Mas ele se entrega à profundidade. Afinal, como demonstra a sua trajetória, em todos os graus, domina mais de vinte línguas com maestria. Babel jamais infundiu temor

[29] Obra citada. Cultura da paz, p. 13.

[30] Pedra Riscada, p. 112.

[31] Idem, p.113.

[32] Idem, p. 231.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

no poeta. Até porque, como tradutor de grandes obras, ele mesmo, basta percorrer seus livros, escreveu poemas em árabe, inglês, italiano e em muitas outras línguas. Logo, este ensaio, e não é o único, solidifica o seu conhecimento profundo dos mecanismos, muitas vezes invisíveis, do quanto conhece o funcionamento intrínseco de uma língua. (Não podemos esquecer de que ele inventou uma: **Rudimentos da Língua Laputar.**) Com uma fundamentação altamente conceitual atravessamos o ensaio *Língua Turca: Ama Uzun*! "O turco é uma língua de densas camadas. Pedra acesa na escuridão; fosforescente quanto ao timbre das vogais. Tremas que cobrem o "o" e o "u"; as formas longa e breve do "a"; o "i" revestido de ponto ou liberto. Não há vogais de férias. São oito que trabalham" [33]. Convém ressaltar que Lucchesi traduziu poetas turcos. Neste ensaio menciona: Tozan e Yunus. Nessa medida: "Um abismo divide a língua de Tozan e Yunus. Dois sistemas diversos, duas formas de expressão, duas línguas, dois alfabetos. O turco e seu duplo" [34].

Prosseguindo pelas mãos de Lucchesi vamos encontrar sua leitura calorosa e generosa de *Delírio de Mateus*. Um romance póstumo de Carlos Heitor Cony e logo depois ele vai nos apresentar *Nazareno*, segundo ele, um poeta do espaço. Finaliza esta parte do livro fazendo alusões à importância de *Cem Anos: Celso Furtado* lembrando de suas interpretações para o Brasil.

Em seguida, a outra parte de **Pedra Riscada** intitulada ***Antropoceno***. O primeiro ensaio desta parte se chama *Ode à Biblioteca.* Neste ensaio o autor desnuda, sempre de maneira renovada, mais uma vez, suas relações com as bibliotecas. E neste caso com a Fundação Biblioteca Nacional da qual foi eleito presidente. Este ensaio possui belas imagens que somente um poeta de alta densidade poderia alcançá-las, como por exemplo: "Estrelas. Árvores. Neurônios. As dimensões possíveis de um sistema. Como quem doma o Caos e faz uma defesa do infinito. Como quem sai do dicionário para a prosa, do arquivo aos metadados. Talvez, assim, a biblioteca de Babel, com alto brilho e densidade, seja fornalha de uma estrela, volume líquido e gasoso de livros vegetais e de xamãs, Apolo e

[33] Idem, p. 119.

[34] Idem, p. 124.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Marco Lucchesi: Sinto o fascínio das línguas naturais e artificiais, das máquinas tradutórias, das pontes lançadas sobre o nada. Sigo etimologias compridas e sinuosas. Procuro medir as palavras, combiná-las, separá-las, sabendo de antemão que a escolha é equívoca e plural. (...) Mas não me atenho a combinar e a separar os múltiplos sistemas, alheio ao que se passa dentro de mim. Percebo coisas. Sigo modificado por minhas mudanças. Transforma-se o amador na coisa amada. De tal modo que não sei onde começo e tampouco onde termino"[35].

e Olorum. (...) A Biblioteca deve ser o espelho do país. Guardar todas as línguas e cosmogonias. Ninguém pode ficar de fora. A *Compadecida e Diadorim,* Paulo Honório e Policarpo, grafites urbanos e literatura de cordel, Lampião no Inferno e a massa flutuante de esperança. Espelho, verbo, imagem, travessia. Para a terceira ou quarta margem fluvial. (...) Antes do convite da ministra Margareth Menezes, planejava regressar ao Brasil para ficar dois meses navegando no Amazonas, com as gramáticas tikuna e nheengatu. Eu me via entre os volumes da selva, a visitar caciques nas aldeias. E, no entanto, aqui me vejo, na floresta dos livros, na missão de reconstruir o diálogo e o respeito pela diversidade" [36]. Constata-se, facilmente, o quanto Marco Lucchesi habitou livros e bibliotecas. Logo em seguida temos o ensaio *Cordas Vocais* e *Sonhos de Origem*

Marco Lucchesi: O Brasil avançou nas últimas três décadas, no quesito do acervo e da leitura, consolidando um feixe de diretrizes culturais. Mas o déficit segue clamoroso, de vastas proporções e ressonâncias. E não se trata de culpar um viés ideológico, um determinado governo ou gestão institucional. O desafio é maior, republicano, e exige uma política de estado robusta e articulada, que se traduza também numa grande oferta de recursos, bem como no equilíbrio responsável entre demandas técnicas e quadros dirigentes. Uma política de Estado essencialmente transversal e paritária, que atenda a mais de um ministério, com igual cuidado, sem desníveis funcionais, que responda em cheio a uma nova cartografia da memória, parcial e coletiva, passada e futura, sem descuidar das dimensões pontilhadas do agora, cujo território emerge tanto mais sensível quanto flutuante e irregular [37].

[35] Obra citada. Teatro Alquímico, p. 14.

[36] Pedra Riscada, p. 137-138.

[37] Obra citada. Cultura da paz, p. 145.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Marco Lucchesi: Tudo que sei veio dos livros e do mar: potências inacabadas, ondas e páginas. O mar e a biblioteca constituem uma superfície viva, feroz e incerta, cobrindo furnas e abismos. Sofro as ressacas e os tufões da história trágico-marítima, e combato o vulcão negro, apontado por Duarte Pacheco no Esmeraldo. Cheguei a oitenta mil volumes. Hoje: um carme disperso. Eis a feroz desmedida águas [38].

que se ligam entre si pela defesa, em especial, da pluralidade linguística. Se alguém tem propriedade para falar sobre o assunto, sejamos lúcidos, é Marco Lucchesi.

Em seguida o ensaio *Casa de Machado*. Na verdade, o texto que o escritor proferiu na posse da presidência da Academia Brasileira de Letras em 2018. O que podemos inferir? Que todos os textos de Lucchesi, intencionalmente ensaios ou não, possuem, sim, a liberdade e os elementos propostos por ele cabíveis num ensaio. Portanto, sem dúvida, o tom é ensaístico. Seja qual for a tipologia textual que escreve. Inclusive, não custa lembrar, o que se verifica em suas entrevistas.

Logo a seguir, em *Memórias das Almas* Lucchesi vai nos situar sobre a visita do rei Ifé ao Brasil. Este ensaio, entre outras coisas, reflete, uma vez mais, o quanto o poeta está atento à diversidade e pluralidade cultural. Sempre, para ele, a inclusão. O diálogo permanente. Não somente numa teoria! Mas na prática. Prática esta que está claramente exposta em suas centenas de ações de quando foi presidente da Academia Brasileira de Letras, assim como em sua presidência atual da Fundação Biblioteca Nacional.

A parte de **Pedra Riscada** intitulada *Antropoceno* é finalizada com um ensaio cujo título, fascinante, é *Terra Solitária* em que suas palavras são sobre os males da pandemia em que decide "fechar" as atividades presenciais da ABL: "O salão está deserto, faltam rostos, sobram cadeiras. Mas é um deserto povoado, na luz sutil da desmentida ausência: estamos em rede, agora, nas mídias sociais. Como não fazer memória deste vazio, memória das potências que ampliam os limites do salão e das almas?" [39].

[38] Carteiro imaterial. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016. P. 174.
[39] Pedra Riscada, p. 152.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Marco Lucchesi: Quase trezentas, as línguas remanescentes, praticadas no Brasil, em busca de território, flutuante, ainda, ou mal demarcado, onde cultura e natureza produziram um círculo vicioso de biossegurança. Não há outra forma de equacionar a relação língua e terra, tão imbricadas se mostram, senão dentro da cultura da hospitalidade. Se não dispomos de uma gramática descritiva da língua do paraíso, intuímos suas virtudes poéticas, no plano das essências, na primeira autora do mundo, pondo-se em marcha a nomeação adâmica, quando o curso do rio e das estrelas formava um só destino [40].

Em seguida temos mais uma parte do livro que Lucchesi denomina Envio. Mais um ensaio essencial que se une aos outros. Ou seja, *Sobre minha poesia*: "Quase não leio meus poemas. Não digo uma palavra sobre a gênese. Declamar essas vozes, sequestrar-me de mim para mim, como um teatro aberto ao público: a tanto não me atrevo. E rasgo, quase sempre, meus cadernos. Nenhum rastro ou sinal" [41].

Mas cremos que o fragmento, a seguir, do ensaio pode fazer uma síntese, jamais perfeita, em se tratando de Marco Lucchesi: "O rio-palavra e as águas claras do pensamento — Duas línguas com suas asas: — A antiga entressonhada Babel e a nova entretecida Sião — E o mesmo rio-palavra respira essas distâncias: as lágrimas de Camões e a brisa dos Sertões (água escrita de terra!) — O abismo e a vertigem do perigo e do socorro... — O primeiro verbo do Céu... — O rosto inascido... — Água para o teu fundo semântico jardim, onde brilha a Rosa Uardi... — Um Céu e duas pátrias — Um Céu em que florescem estrelas novas" [42]. Lembremos das belíssimas afirmações de Stefan Zweig ao se referir do processo criativo de um escritor. Ou seja, podemos ter acesso à sua obra. Mas jamais teremos acesso aos mistérios dos caminhos que o levam a materializar a sua própria obra. Um processo de solidão. Absoluta solidão. Inalcançável. "Não tenho autoridade sobre mim. Nem tenho forças para definir-me. *Sou qualquer coisa de*

[40] Idem, p. 27.
[41] Idem, p. 161.

[42] Idem, p. 166.

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

intermédio: feroz, indomável. Obstinado em meus segredos. Tão orgulhoso em meu silêncio. Orgulho de quem resiste, defensivo" [43].

Marco Lucchesi: Há um abismo a transpor, uma verdadeira guinada. (...) deve renunciar à univocidade do texto, ou seja, a um texto plano e regular, perseguindo nas ondas uma nova leitura, uma nova hermenêutica, onde não bastam os sentidos [44].

Marco Lucchesi: Antes de tocar o mistério, o poeta deve beber no rio de luz, como quem se liberta da cegueira dos olhos materiais, do estado prefacial em que vive, atingindo assim um continuum crescente de luminosidade. O seu olhar se expande com uma série de metamorfoses luminosas, purificando assim toda a sua visão [45].

A parte final de **Pedra Riscada**, *Colóquio*, é dedicada a entrevistas a pessoas muito caras e preciosas a Marco Lucchesi. O diálogo para ele é fundamental. Tanto que nunca poupou espaços, não somente para dar entrevistas, como para ele mesmo entrevistar pessoas que, de alguma forma, pudessem contribuir com a pluralidade tão fundamental de vozes. **Pedra Riscada** é encerrada com as *Notas* de cada ensaio. E as *Notas* merecem ser mencionadas. E muito.

As notas de todos os livros de ensaios de Marco Lucchesi e também de outros gêneros textuais de sua autoria são muito particulares. Singulares. Especiais. Originais. Um ponto que deve ressaltado é a questão de um incrível diálogo de continuidade entre, neste caso, cada ensaio com o conteúdo das notas. Não são notas isoladas com informações apenas complementares. As notas são detalhadas. Tons autobiográficos esparsos. Descontínuos. Tons de localização no tempo e no espaço. Tons de memórias que brilham de longe e de perto, que ressoam em nossa interioridade. Notas que dão espaços para reflexão.

---

[43] Idem, p. 171-172.

[44] Nove Cartas sobre a Divina Comédia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013. P. 42.

[45] Idem, p. 86-87.

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Pedra Riscada: da improbabilidade de uma conclusão

Quando finalizamos uma leitura de um livro de ensaios de Marco Lucchesi muitas outras coisas, centenas delas, são impossíveis de dizer. A sensação mais íntima é que, para variar, o que vemos, sentimos e refletimos está sempre em débito com o que realmente queríamos dizer. O famoso hiato entre o que vemos e sua representação. Um vazio que se busca preencher, mas que se estende quando mais o perseguimos. Abismos e abismos que pareciam com menos altura, de repente se convertem em abismos de estatura incomensurável. Eis a nossa sensação. Incompletude. Linguagem inadequada. Ausência das imagens necessárias. Ausência de domínios conceituais.

Entretanto, diante do exposto, podemos verificar, por exemplo, a incrível coerência que existe não somente entre as partes de **Pedra Riscada**, assim como na unidade, muitas vezes sutilíssima entre ambos. Ouçamos Ettore Finazzi-Agrò: "Quem olha, também de relance, para a sua produção [a de Marco Lucchesi] constata, com efeito, como ela seja atravessada por um desejo pujante de experimentação de sempre novos registros expressivos. Um leque de experiências, de fato, que vai da crítica literária à poesia, passando pela prosa de ficção, pelo memorialismo e pela produção de textos de intervenção social – sempre ao lado de sua intensa atividade de tradutor e de organizador de antologias poéticas. Isso, sem esquecer o modo em que ele assumiu cargos públicos prestigiosos: ontem jovem, muito jovem presidente da Academia Brasileira de Letras; hoje ainda jovem presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Eu já manifestei várias vezes no meu estupor e o meu espanto por essa multiplicidade de atividades culturais, artísticas ou organizativas, mas aquilo que eu quero sublinhar aqui é a coerência intelectual que sempre acompanhou essa pluralidade de empenho, como se Marco, ao longo dos anos, tivesse ficado fiel ao seu *ethos* tanto privado quanto público, insistindo em esperar um sentido no mesmo gesto com que o sentido era criado. Espera que, nele, sempre foi também esperança, ânsia de uma obstinação, quase como na *quête* do cavaleiro cortês indo à procura

REVISTA DA FUNDARTE

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

de algo que, pelo próprio fato de ser procurado nunca é atingido”[46]. As palavras de Ettore reforçam, uma vez mais, o que inferimos na leitura de **Pedra Riscada**. A busca de alguma coisa, sempre em busca, não somente da perfeição, que facilmente se nota pela exatidão da linguagem, assim como na riqueza de suas imagens, conceitos e metáforas! Marco Lucchesi, sob sábias cintilações, nos responde: “Observo a passagem sutil do conceito para a metáfora. A circulação do pensamento poético, desde os adjetivos mais voláteis aos abismos do pensamento. A franja do intraduzível. Tangenciar conceito e imagem...(...). Mas como tornar clara essa noção de um todo, cujas partes dispersas não representam a derrota da totalidade, e onde tampouco a reunião das partes não significam o naufrágio da diferença?” [47].

Ressaltamos que **Pedra Riscada** traduz muitas posições de Lucchesi, quer mais explícitas, quer menos implícitas e sutis, de que a literatura possibilita, inclusive, a insubordinação ao servilismo febril que invade a contemporaneidade com suas incertezas e indeterminações tão úteis, na maioria das vezes, ao sistema perverso de dominação que aplaude as desigualdades sociais, culturais, econômicas e outras em prol de uma concentração de privilégios de toda espécie. E também: que as transformações tão necessárias somente serão possíveis mediante novas linguagens e gramáticas que, de fato, não deixem espaços que tornem inviáveis ações solidárias e processos, mesmo que gradativos, nas formas de uma vida mais plena em todos os graus. Lucchesi: “Vivemos um processo. Nossa esperança é de recriar o presente. Eu venho do planeta Inquietação na nebulosa de Órion” [48].

[46] Pedra Riscada, p. 19.

[47] Ficções de um gabinete ocidental: ensaios de história e literatura. Rio de Janeiro: 2009. P. 76-77.
[48] Obra citada. Marco Lucchesi: Poeta do Diálogo, p. 123.

Qualis A1
Arte | Educação | Filosofia | História |
Interdisciplinar | Linguística | Literatura

V. 65, N. 65(2025)
ISSN 2319-0868

Recebido em: 03/02/2025.
Aceito em: 26/03/2025.
Editor responsável: Júlia Maria Hummes.

Ana Maria Haddad Baptista
Ana Maria Haddad Baptista é mestra e doutora em Comunicação e Semiótica da PUC/SP. Pós-doutoramento em História da Ciência. Pesquisadora e professora da Universidade Nove de Julho de São Paulo.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3468-0158
E-mail: professoraanahb@gmail.com

Creative Commons Não Comercial 4.0 Internacional de Revista da FUNDARTE está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. Baseado no trabalho disponível em https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte. Podem estar disponíveis autorizações adicionais às concedidas no âmbito desta licença em https://seer.fundarte.rs.gov.br/

HADDAD BAPTISTA, Ana Maria. MARCO LUCCHESI: PEDRA RISCADA OU DAS PROVÁVEIS INSUFICIÊNCIAS ENSAÍSTICAS. **Revista da FUNDARTE**. Montenegro, V. 65, N. 65, p. 1-20 setembro, 2025.
Disponível em: https://seer.fundarte.rs.gov.br

REVISTA DA FUNDARTE